

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2023

## “O pó do espólio” de José Pacheco

GUILHERME D’OLIVEIRA MARTINS

“Nós os três somos de Paris. E somos. Temos esta elegância, esta devoção, este farol da Fé”. É Almada quem escreve a José Pacheco, referindo-se também a Mário de Sá-Carneiro. Sente-se uma pulsão antiga de uma parte da nossa intelectualidade (de Garrett à Geração de Setenta e por aí adiante...) de pôr Portugal ao ritmo do cosmopolitismo europeu. Por isso, a dissidência de 1915 da “Renasceça Portuguesa” foi “dos portugueses que escrevem para a Europa”... “O artista e as artes são indicadores dos seus tempos”. Na sua diversidade, *Orpheu* representa esse desejo moderno, assente nas afinidades eletivas de uma fecunda convergência de peculiares singularidades. Mas, pouco tempo antes, o autor da *Confissão de Lúcio* dissera a Pacheco: “Tenho tantas saudades da sua Alma — a sua Alma toda em Oiro! Que pena! Que pena! (...) Parece-me que já nem gosto de Paris. Não sei nada, nada, nada. Um grande vazio! Nunca me esqueço da sua Alma, do seu Espírito — de toda a criatura adorável que você é. Tenho tantas saudades da sua companhia”.

Os sentimentos são contraditórios e há uma força renovadora que se impõe. Se a escrita de Pacheco “é nervosa, convexa, com entrelinhas insuficientes, praticamente sem margens”, revelando “o intelectual sensível e requintado que se eleva acima da confusão e da espuma dos dias”, o seu amigo Sá-Carneiro tem uma “escrita de grande idealista de verbo inspirado”. Quem o diz é Alberto Vaz da Silva, autor de “O Pó do Espólio”, um número especial precioso da revista *Egoísta*, de Setembro de 2010, feito a partir do espólio de José Pacheco — no qual, pela Grafologia, são analisados os protagonistas da geração de *Orpheu*. A pouco e pouco, vemos, porém, “a instabilidade crescente da bela escrita clara de Sá-Carneiro”. Indicia-se a “desnoção da emotividade; gradualmente a escrita desarticula-se”. E, num envelope, há um minúsculo e envergonhado nome de remetente, como “sigla pré-suicida afundada com uma mó ao pescoço”. Há um “medo irracional da vida, um pacto entre viver e recusar fazê-lo”. E “multiplicam-se as

reticências, outras tantas vaguidões e incertezas, e a escrita, anunciando várias espécies de horrores, vai-se dissolvendo como se um ácido corrosivo a atacasse”... Como diz no poema “Dispersão” (que poderia ser sùmula de toda a poesia de Sá-Carneiro): “Perdi-me dentro de mim/Porque eu era labirinto...”.

Steffen Dix, em *O Ano do Orpheu, 1915* (Tinta-da-china, 2015) dá-nos esse panorama singular que se tornou marcante para a cultura portuguesa do século xx e José Manuel dos Santos, quando apresentou essa obra recordou, bem a propósito, a passagem emblemática da introdução ao *Livro do Desassossego*, na qual Fernando Pessoa fala de um homem que aparentava trinta anos, que ele passou a cumprimentar a partir da cena de pugilato presenciada por baixo da janela:

Falei-lhe da revista “Orpheu”, que havia pouco aparecera. Ele elogiou-a, elogiou-a bastante, e eu então pasmei deveras. Permiti-me observar-lhe que estranhava, porque a arte dos que escrevem em “Orpheu” sói ser para poucos. Ele disse-me que talvez fosse dos poucos. De resto, acrescentou, essa arte não lhe trouxera propriamente novidade; e timidamente observou que, não tendo para onde ir nem que fazer, nem amigos que visitasse, nem interesse em ler livros, soía gastar as suas noites, no seu quarto alugado, escrevendo também.

O ano de 1915 foi, no caso português, pode dizer-se, o início do nosso século xx, na aceção do século curto de que fala Eric Hobsbawm. E, como se diz na obra de Steffen Dix, houve vários sinais que precederam *Orpheu* — e o próprio Fernando Pessoa, nas páginas de *A Águia* antecipou a ocorrência do singular fenómeno. Se dúvidas houvesse, basta ver a continuidade e as repercussões, os significados diferentes dos diversos protagonistas e contributos. De facto, *Orpheu* marca uma nova atitude — que tem de ser compreendida no seu carácter plural, complexo e polifónico. Com *Orpheu*, segundo a análise certa de José Carlos Seabra Pereira, a tendência modernista ofereceu aos meios literários portugueses a oportunidade, única e quase sempre desaproveitada, para uma receção inovadora de autores remanescentes do decadentismo e do simbolismo (como Luís de Montalvor), já muito contaminados pelo neorromantismo (Augusto Ferreira Gomes) ou prontos a nele se integrarem plenamente uma vez transcorrida a experiência de *Orpheu* (como Armando Côrtes-Rodrigues). E assim se abriram novas perspectivas e movimentos, heterogêneos e paradoxais, que chegam ao nosso tempo.

Se *Orpheu* apenas teve dois números — o primeiro com a capa da autoria de José Pacheco — cuja matriz se encontra no espólio depositado no Centro Nacional de Cultura, graças à iniciativa de Teresa Rita Lopes, devidamente identificado na obra de 1993 *Pacheco, Almada e Contemporânea* — e o segundo com a marca inconfundível de um verdadeiro ícone da modernidade portuguesa, a verdade é que a partir deles vamos encontrar inúmeros caminhos (que a *Presença* procurará transformar em “Literatura Viva”) e que José Pacheco, na revista *Contemporânea* sintetizará na expressão: “uma revista feita expressamente para gente civilizada e para civilizar gente”. É facto que a arte dos que escreviam em *Orpheu* soia ser para poucos, mas essa circunstância é sempre válida para aqueles que anunciam inesperada e persistentemente caminhos novos. E, sobre influências britânicas, temos a lembrar a revista *Blast*, sobre cujo conteúdo o escultor Gaudier-Brezska afirmou no sentido “vorticista”: “fomos influenciados por aquilo de que mais gostávamos”: “cada um de acordo com a sua própria individualidade”, explicando a riqueza e heterogeneidade das colaborações da revista.

Lembramos a colaboração num célebre extra-texto de Amadeo de Sousa-Cardoso no número 3 de *Orpheu*, que nunca veria a luz do dia. Na revista *Portugal Futurista*, Álvaro de Campos coincidirá com Amadeo: “só tem direito a exprimir o que sente em arte, o indivíduo que sente por vários”. Almada Negreiros disse que Amadeo “é a primeira descoberta de Portugal na Europa do século xx” — e, maravilhado, deu nota de como partiu de uma identidade próxima para a tornar global — “toda a arte reflete o seu rincão natal. E nunca é o rincão natal o que o pintor retrata. O seu rincão natal são as próprias cores. Foram estas cores que teve para começar a sua mensagem de poeta”.

Voltando à *Presença* e a José Régio, devemos considerar que, para este, a poesia e a personalidade de Mário de Sá-Carneiro constituíram uma autêntica mediação para a melhor compreensão da primeira geração modernista. E, no campo da criação artística, Amadeo foi também, à sua maneira, um mediador, por insuscetível de ser encerrado num rótulo ou numa escola, podendo ligar fundamentos, raízes e modernidade. De facto, *Orpheu* foi uma encruzilhada de diferenças e paradoxos. Em cada um dos seus protagonistas deparamo-nos com um universo de influências. E se muitas vezes houve quem compreendesse mal o lugar de Amadeo na história da nossa Arte, por razões, aliás, contraditórias, tal deveu-se à independência, à originalidade e à insatisfação do artista. Está em causa a

ligação entre Manhufe e Paris, entre a proximidade poética a Teixeira de Pascoaes e à Renascença Portuguesa e ponte para a força inovadora de *Orpheu*. Almada Negreiros reconhecerá, assim, nele um sinal marcante. A carta à mãe de 2 de março de 1908 é significativa: “Gostei muito de estar em Manhufe. Fazia um sol intenso. A montanha inundava-se de luz. E que grandiosidade aquelas montanhas! Fiz lá umas oito manchas e estava progredindo bastante, começava a interpretar melhor a natureza. Agora estou em Paris, não imagina a tristeza que me fez ontem esta atmosfera parda, este sol anémico. O que me valeu foi encontrar o Vianna e levamos o dia a falar do Portugal prodigioso, país supremo para artistas. É pena que não haja um forte meio de arte”. Sente-se aqui a força original da sua obra. Como Almada Negreiros disse: “o seu rincão natal são as próprias cores”. Foram estas as que teve “para começar a sua mensagem de poeta”. Das raízes da terra e da luz, do “Portugal prodigioso” parte-se para a procura das mudanças necessárias.

Mas regressemos a José Pacheco (1885–1934) e ao seu espólio. Antes do mais, diga-se que o “k”, que aparece tantas vezes no nome, tem a ver com o uso modernista da singularização. É certo que o “k” serve para distinguir de Coelho Pacheco, outro dos colaboradores de *Orpheu*, mas trata-se de uma fantasia de quem foi considerado como o “pioneiro do desenho gráfico” ou o “fundador do grafismo português”... A revista *Contemporânea* é a sua obra mais conhecida, apresentada em 1915, num número espécimen, e depois continuada (1922–1926). Foi autor da primeira capa de *Orpheu*, como se viu, e das capas das obras de Mário de Sá-Carneiro *Dispersão* e *Céu em Fogo*. Apesar de nunca ter terminado o curso de arquitetura, na sua estada em Paris de 1909 a 1913, é referido como arquiteto pelos seus companheiros. Na capital francesa vai conviver com Amadeo (com quem partilha o ateliê), Eduardo Vianna, Manuel Jardim, Emmérico Nunes, Dórdio Gomes, Guilherme de Santa-Rita, Francisco Smith, Manuel Bentes, Francisco Franco, Diogo de Macedo, Domingos Rebelo, Mário de Sá-Carneiro e Homem Cristo Filho, entre outros. Deve-se ao conhecimento do último a direção gráfica da revista *A Ideia Nacional*. Do conhecimento de Mondigliani, muito próximo de Sousa-Cardoso, parece ter resultado o facto do “Homme au Chapeau” (1915) poder ser José Pacheco. Aliás, a identificação do quadro tem referido persistentemente essa hipótese.

Sobre o caráter pioneiro de Pacheco, João Pedro George (na obra coordenada por Steffen Dix) afirma o seguinte:

[...] com base na análise da colaboração de Pacheco no primeiro número do *Orpheu* e do grafismo do número-espécimen de *Contemporânea* poder-se-á dizer que Pacheco foi verdadeiramente “pioneiro” ou “fundador”? Os números posteriores de *Contemporânea*, retomada apenas em 1922, apresentavam um aspeto tipográfico mais modernista; porém, nessa altura já o semanário *ABC — Revista Portuguesa*, iniciado em 1920, vinha introduzindo inovações gráficas, através sobretudo da colaboração de Jorge Barradas (que ali assinou inúmeras capas), de Bernardo Marques ou de Milly Possoz.

Poderá, por isso ser excessivo o qualificativo de pioneiro para Pacheco. Uma coisa é certa, o seu talento é indiscutível e o número de 1915 da *Contemporânea* tem uma marca muito especial... Lembre-se ainda que José Pacheco anima em 1919, com o pintor Manuel Jardim, o músico Rui Coelho e o poeta Acácio Leitão a Sociedade Portuguesa de Arte Moderna, para a realização de concertos, exposições, conferências, edições, etc. Com Leitão de Barros e Rui Vaz tenta modernizar a Sociedade Nacional de Belas Artes em 1921, sem sucesso. A revista *Contemporânea* tornar-se-á realidade graças ao financiamento do industrial conserveiro Agostinho Fernandes...

A vida de José Pacheco, nascido num meio de pequena burguesia, filho dum comerciante de carnes, pode dividir-se em três períodos, separado por duas estadias em Paris (diz-nos Gustavo Nobre). O primeiro, até 1910, fase de imaturidade, em que frequentou estudos de arquitetura e executou alguns trabalhos nesse domínio. O segundo período, de intensa colaboração com Sá-Carneiro, Almada e Fernando Pessoa (período do “*Orpheu*”), em que Pacheco enveredou no movimento futurista e praticou fundamentalmente o desenho simbolista. O terceiro período, em que concretizou o grande sonho da sua vida — a edição da “*Contemporânea*”, em que deu largas à sua vocação para as artes gráficas e à propensão para o mundanismo, vindo a exercer grande influência nos meios artísticos e intelectuais da época” (in “José “Pacheko”, apud *Pacheko, Almada e “Contemporânea*”, coord. Daniel Pires e António Braz de Oliveira, Centro Nacional de Cultura e Bertrand Editora, 1993).

Alberto Vaz da Silva percorre no número de *Egoísta* os protagonistas do espólio, sobretudo colaboradores de *Contemporânea*. Mário de Saa: “É de um raciocínio espantoso, e duma inteligência assombrosa. Você Mário é um grande

monumento” (escreve Pacheko). E a sua letra revela imaginação e inteligência, rescendendo originalidade... O original de “Exortação ao meu Anjo” de José Régio é um monumento grafológico. Quanto a Fernando Pessoa, “a escrita tão inclinada, tão ligada, tão rápida, tão combinada, com finais tão generosos, tão angulosa mas tão aberta e largada diz-me que há uma enorme bondade e nobreza, um sentimento de fraternidade universal no poeta da *Mensagem*”. Amadeu de Sousa-Cardoso exprime uma “natureza riquíssima, que sabia utilizar os sentimentos em vez de se deixar invadir por eles”. António Botto assume-se “como obra de arte mas não no interior de si próprio...”. Santa-Rita Pintor é um “temperamento apaixonado, combatente sem tréguas”... Leonardo Coimbra tem “uma grande escrita generosa de um filósofo que olha para o alto. Tudo é rápido, largo e ligado nesta expressão gráfica de uma inteligência percuciente”. E sobre Carlos Queiroz, tão importante para que Fernando Pessoa se tenha tornado referencial aqui e além-fronteiras, temos a alusão à pintura de Eloy em ligação com as escritas do poeta em momentos diferentes: “Mário Eloy captou magistralmente o admirador de Mallarmé, Valéry, Rimbaud e Verlaine, que viveu os seus apenas 42 anos como que através de um espelho, secretamente, o que o fundo da pintura reflete, fechado no coração da para si mágica Lisboa: “ver só com os olhos é fácil e vão/por dentro das coisas/é que as coisas são”...”

O espólio de José Pacheko permite-nos encontrar caminhos vários e nem sempre coerentes e compreensíveis sobre o modernismo português. À semelhança do que aconteceu na Europa a busca de caminhos novos envolveu o compromisso trágico com um século violento e dramático, em que os ideais cosmopolitas não se desenvolveram como se esperaria... As tensões contraditórias sentem-se nos caminhos de *Orpheu* e do que se lhe seguiu. O final do século xx encerrou muitas esperanças alimentadas pela liberdade de espírito e pela abertura. As lições que a História nos deixou permitem compreender melhor a importância das diferenças e até das contradições. A cultura e a arte, o conhecimento e a sabedoria têm energias de renovação inesgotáveis para que a liberdade e a dignidade humana não se tornem ideias vãs. O tempo atual das crises ditadas pelo imediatismo obriga a uma atenção especial ao carácter incompleto, e por isso emancipador, da criação...

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 15 ABRIL DE 2015)